

FORMAS DE HOMOFOBIA EM *G MAGAZINE*: DISCURSOS/SENTIDOS E PRÁTICAS

Thiago Alves França¹

Maria da Conceição Fonseca-Silva²

Resumo: O trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa mais ampla, na qual nos propomos a discutir a discursivização de *G Magazine* enquanto segmento de mercado. No recorte para este texto, tratamos do discurso sobre a homofobia, chamando atenção para sentidos (re)produzidos na discursivização do periódico e observando as práticas por meio das quais os indivíduos subjetivam-se na posição de homofóbico. Identificamos, ainda, discursos que atravessam a discursivização da homofobia em *G Magazine*, sendo convocados para sustentar sentidos (re)produzidos neste periódico.

Palavras-chave: Homofobia, Discurso, Psicanálise, *G Magazine*.

Considerações iniciais

O trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa mais ampla, durante a qual nos propomos a discutir a *G Magazine* entendendo o seu processo de constituição e de discursivização (França, 2010), estando atentos para quais discursos garantem ao periódico sua especificidade, diferenciando-o de outros segmentos de mercado. O funcionamento discutido no recorte feito para este texto é a discursivização da homofobia. Atentamo-nos para os sentidos produzidos na discursivização em *G Magazine* associando tais sentidos a práticas por meio das quais é possível a “qualquer” indivíduo subjetivar-se na posição de homofóbico, tal como formulou Foucault (1969) acerca da subjetivação.

¹ Mestre em Memória e Linguagem e Sociedade. Mestrando no Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Financiamento: Capes e Fapesb. thiagufsa@gmail.com.

² Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Profa. do quadro permanente do Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb), Profa. do quadro permanente e coordenadora do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGmemorials-Uesb) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. con.fonseca@gmail.com.



Antes de passarmos à análise do que chamamos de redes de formulação-reformulação (Courtine, 1981; Fonseca-Silva, 2007), é preciso definir o que está sendo entendido por homofobia. O termo homofobia, segundo Borrillo (2009) e Nascimento (2010), parece ter sido utilizado pela primeira vez em 1971, nos Estados Unidos, remetendo à obra “*Homophobia: a tentative personality profile*”, de K.T.Smith. No entanto, somente no final da década de 90, passou a ser dicionarizado na Europa, significando rejeição da homossexualidade e hostilização dos homossexuais.

A discussão da homofobia, de acordo com Borrillo (2009), não se constrói sem reformular o sexismo, sendo aquela uma forma particular deste. Utilizando outros termos, poderíamos dizer que as condições de possibilidade ou de existência atuais, no sentido foucaultiano, que permitem a formulação da homofobia associam-se ao discurso sexista, ainda que deste se afaste por ter como referencial a sexualidade e não o sexo.

A homofobia desempenha o papel, segundo Borrillo (2009), de vigilância das “boas normas” sexuais, isto porque cuida para que as fronteiras da sexualidade (hétero-homo) e de gênero (masculino-feminino) não sejam atravessadas, ou seja, para que os limites, mais sociais que de fato determinados biologicamente, apesar de terem no sexo biológico o critério de especificidade, não sejam desrespeitados. Dito isso, Borrillo (2009) acrescenta que não só os homossexuais são vítimas da homofobia, mas todos aqueles, inclusive heterossexuais, que não se identificam com o rígido modelo comportamental imposto.

A homofobia é, segundo o autor, a hostilidade irracional em relação a gays e lésbicas, mas, embora o ódio contra esse grupo seja a principal característica da prática homofóbica, esta não pode ser reduzida somente a isto. Considerando contra quem ela é exercida, Borrillo (2009) propõe uma forma de bipartir a homofobia: **a homofobia geral** é uma forma de sexismo, isto é, de marcar a diferença e superioridade de um dos sexos; **a homofobia específica** é a prática exercida exclusivamente contra os homossexuais.

Levando em conta o modo por meio do qual a homofobia é exercida, Borrillo (2009) divide a homofobia em outras duas formas: **a homofobia individual**, que condena a homossexualidade seja por aversão, medo ou culpa, havendo agressão direta contra os homossexuais, e **a homofobia social**, que pretende perpetuar as diferenças sociais entre heterossexualidade e homossexualidade, de modo a manter inalterados os direitos negados aos homossexuais, uma vez que marcam uma diferença social tida como benfazeja.

São várias as formas de a homofobia se apresentar, seja por via de piadas³ que tornam risível a questão do gênero, isto é, a feminilidade de homens ou a masculinidade de mulheres, por exemplo, até formas mais explicitamente violentas, como a perseguição e morte de milhares de homossexuais na Alemanha nazista, ou os ataques recentes na Avenida Paulista . Segundo Borrillo (2009), a homossexualidade é tolerada se praticada na discrição da alcova como metáfora do que seria a esfera privada, isto é, quando silenciada. Mas torna-se insuportável quando reivindica espaço e direitos iguais aos que são dados aos heterossexuais, de modo que a **homofobia social** é também o medo ou a negação de que se apaguem as fronteiras sociais construídas entre homossexualidade e heterossexualidade, fato que macularia a normatividade heterossexual.

Além da homofobia realizada “de fora” contra os homossexuais, há, segundo Borrillo (2009), a **homofobia internalizada**. O que ocorre nessa prática é a assimilação de preconceitos contra homossexuais de modo que o ódio que a sociedade tem deste grupo passa a ser sentido e realizado contra si mesmo. Conforme o autor, normalmente, esse preconceito é manifestado por meio de injúrias, insultos, depreciações ou até compaixão, e, quando assimilado pelo homossexual, acarreta problemas psicológicos que levam, não muito raramente, a atos extremos como o de suicídio

A violência dos enrustidos e a homofobia internalizada

Na discursivização da revista *G Magazine*, desde 1997 a 2009, período correspondente ao recorte temporal que fizemos, identificamos algumas formas de homofobia, das quais apresentaremos análises referentes a dois desses tipos: a primeira delas é manifestada pela violência de enrustidos contra homossexuais; o segundo tipo manifesta-se quando o homossexual assimila a homofobia e assume para si o papel de “vítima”.

Os violentos, discursivizados como um dos inimigos dos homossexuais, aparecem em *G Magazine* por meio de diversas práticas de violação da vida homossexual, as quais especificamos a partir das categorias de Borrillo (2009). Por **homofobia individual**, então, consideraremos os atentados ao físico e as maledicências verbal e de comportamento; por **homofobia social**, interdições político-teórico-religiosas.

³ Partimos da ideia de que, como observa Possenti (2004a), normalmente as piadas vivem do rebaixamento de alguns grupos, de modo que, sendo (des)respeitadas algumas condições específicas, as piadas configurariam, sim, práticas preconceituosas, e, no caso, homofóbicas.

Vejam os exemplos de formulações-reformulações abaixo:

(1) **A falta de noção da própria sexualidade – porque muitos homens transam com outros, mas “achando” que a bicha é sempre o outro, o passivo – poderia desencadear atitudes e comportamentos como o de Andrew Cunanan, como o do “Assassino do Trianon”, ou mesmo o do rapaz no Rio Grande do Norte, que matou a todos os que o teriam chamado de homossexual?** (Bananaloca, Edição 5, setembro de 1997).

(2) **Ou seja, o ato de condenar a homossexualidade tornou-se garantia da integridade moral do Severino. Seus ataques a homossexuais foram tantos e tão insistentes que alguém como eu, com várias décadas de janela, passou a achar que esse senhor vive obcecado pela viadagem. Afinal, de onde vem a implicância que Severino Cavalcanti devota contra nós homossexuais? Pode-se buscar uma explicação possível recorrendo ao conceito psicanalítico de “retorno do reprimido”: aqueles elementos lançados no inconsciente como dejetos proibidos da personalidade acabam vindo à luz mascarados como seu oposto, com força redobrada, de modo até mesmo compulsivo. Em outras palavras, a repressão psíquica condena com veemência tanto maior aquilo que mais se ama e se esconde, de modo que o amor recalcado emerge travestido em ódio. Assim ocorre com michês que assassinam viados porque no fundo querem ser homossexuais mas sofrem de um conflito neurótico. Então matam como forma inconsciente de declarar seu amor** (Edição 98, novembro de 2005).

(3) **Há muitas razões para alguém se tornar homofóbico. Dentre elas, cada vez mais reconheço o ressentimento como um componente de raiz. Antes de tudo, é um gesto de defesa contra algo que ameaça. Por sua vez, reforça-se a cada dia minha convicção de que o motor do ressentimento homofóbico encontra-se no enrustimento. Conheço cada vez mais bichas enrustidas que odeiam homossexuais assumidos, pelo fato mesmo de serem assumidos. O ressentimento ocorre num raciocínio tipo: “Se eu não posso e ele pode, isso é uma injustiça”. O passo seguinte é partir para a revanche** (Edição 119, agosto de 2007).

Na formulação 1, discursiviza-se o ataque violento por assassinatos de homossexuais, tratando-se, a partir das categorias de Borrillo (2009), de **homofobia individual**. Esta formulação indica que a falta de conhecimento da própria homossexualidade e os problemas que isto causa podem levar ao assassinato de homossexuais. Trata-se, então, de uma homossexualidade “enrustida” que tende à tentativa de punir os outros pela homossexualidade que há em si.

Pode-se justificar o que é discursivizado na formulação 1, levando em conta um saber psicanalítico, que formula a existência de uma parcela da mente naturalmente inacessível: o Inconsciente. Isto significa dizer que há registros, mas que nem todos os registros são acessados pelo indivíduo. Alguns conteúdos são recalçados, o que não quer dizer que haja supressão destes. No caso da formulação 1, o conteúdo reprimido é a própria homossexualidade, de modo que ser homossexual torna-se inconsciente para o indivíduo agressor.

Os indivíduos são classificados como homossexuais tendo por base o objeto sexual para o qual a libido é direcionada. No caso da formulação 1, trata-se de uma pulsão sexual que, por ser pulsão, tende à busca por satisfação, e o objeto sexual capaz de satisfazer esta pulsão é justamente o indivíduo de mesmo sexo. Uma vez que a possibilidade de satisfação foi modificada de alguma maneira pelo mecanismo de recalçamento, junto ao próprio conhecimento da sexualidade, é característico, conforme os postulados freudianos, que sejam causados frustração, ansiedade, além de outros sintomas possíveis justamente pelos efeitos dessa libido insatisfeita ou não satisfeita tal como se quer. Diversos poderiam ser os efeitos desse conteúdo reprimido e dessa pulsão não satisfeita, pelo menos não a contento, e na formulação 1 discursiviza-se justamente uma dessas possibilidades, que são os atos violentos deflagrados contra aqueles que são reconhecidos como homossexuais.

Observamos, então, que apesar de a própria homossexualidade do agressor ser desconhecida por ele mesmo, esse conteúdo causa efeitos que não são a satisfação da meta sexual originária, mas um sintoma de seu escoamento desviado, o que remete ao que Freud (1915b) considera a respeito do funcionamento do recalçamento: não destrói a ideia que representa um instinto, apenas afasta-a da consciência. Atingir o outro homossexual seria um efeito do conteúdo reprimido e, por isso, inconsciente, ao mesmo tempo que é também uma forma de satisfação que se apresenta distorcida do que fora em sua “forma original”. Pode-se dizer ainda que é também uma forma de punir o outro que não reprime o que, no agressor, insiste em ser barrado pela censura do consciente.

Na formulação 2, um lugar contrário ao discurso das causas L.G.B.T. está marcado pela presença do então presidente da Câmara de Deputados, Severino Cavalcanti. Severino é discursivizado como inimigo dos homossexuais pelos constantes ataques verbais e pelo posicionamento político avesso às questões de interesse desta comunidade, tratando-se, portanto, **homofobia individual** e **social**. No entanto, os ataques de Severino não serão tratados, na formulação, apenas como mais um caso de políticos conservadores que não simpatizam com as causas L.G.B.T.. Por seus ataques constantes contra homossexuais, ele é discursivizado como um homossexual cuja sexualidade é enrustida. Enrustir, aqui, é sinônimo de recalcar, e há uma explicação formulada à luz da Psicanálise de elementos retidos no inconsciente por terem o acesso à consciência vetado, mas que acabam encontrando alguma forma de burlar a censura e emergir.

Há uma menção acerca do que Freud (1915a) chamou de *retorno do recalçado*. No entanto, há também um distanciamento da teoria no modo como a discursivização segue, porque, reformulando o conceito de *retorno do recalçado* para explicar em síntese o seu funcionamento, diz-se que “a repressão psíquica condena com veemência tanto maior aquilo que mais se ama e se esconde, de modo que o amor recalçado emerge travestido em ódio”. De fato, a “condenação” tratada refere-se ao que Freud formula acerca da censura que veta o acesso de determinados “conteúdos” à consciência, mas não se trata exatamente de censurar o que mais se ama; parece que o mecanismo é o contrário disto.

Freud (1915a) afirma que o recalque é uma forma que o Eu possui de eliminar ou evitar o que causa desprazer. Para haver recalque, é necessário que, o conteúdo a ser recalçado gere mais desprazer que prazer. Associando, então, um ideal-de-Eu, que faz com que o Eu fique mais exigente, numa comparação com um Eu-atual, diremos que o rigor desse Eu-ideal facilita o desprazer de um ideal não alcançado, superando o prazer que aquela pulsão sexual satisfeita proporcionaria não fossem os conflitos entre pulsão e concepções ético-culturais atuantes na formação do ideal-de-Eu.

Dito isto, retomamos o modo como se dá na formulação 2 a justificativa sintética do funcionamento do recalque para dizer que não se trata de recalcar o que mais se ama, mas de recalcar o que gera mais desprazer que prazer, e que não se trata de uma conversão de amor em ódio, porque, segundo Freud (1915c) um e outro têm origem diferentes, e não correspondem a um par de opostos.

Na formulação 2, no entanto, o ódio é discursivizado como resposta do recalque. Se sugerirmos uma relação entre este ódio experimentado e um desprazer, diremos que o recalque falhou, porque seu propósito “era tão-somente a evitação do desprazer” (Freud, 1915a, p.183). Mas ainda considerando este ódio como um afeto surgido da pulsão recalçada, relacionando-se à polaridade prazer-desprazer, conforme postulados freudianos, se o objeto contra o qual ele surge é uma fonte de desprazer, haverá uma tendência para aumentar a distância do objeto; esse ódio pode ser intensificado a ponto de tornar-se uma inclinação para a agressão contra o objeto, para destruí-lo. Segundo o autor, o “Eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fontes de desprazer, sem levar em conta se são um obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades” (FREUD, 1915c, p. 160).

Em 2, o posicionamento do político é discursivizado a partir de elementos do saber da Psicanálise, baseando-se no “retorno do reprimido”, de modo que Severino é discursivizado como um homossexual que ataca aquilo que está nele de forma

inconsciente, investindo, assim, num esforço de escamoteamento de práticas homoeróticas, justamente para que não reflitam a homossexualidade que há em si, sob o crivo atento da censura. Além disso, a postura de Severino frente às causas L.G.B.T., ou seja, de repulsa, é discursivizada de forma semelhante aos homicídios contra homossexuais praticados por michês. Dessa forma, na discursivização dessa formulação, agredir verbalmente homossexuais com regularidade, insistir constantemente em atacar a comunidade L.G.B.T. e matar homossexuais, entre essas três possibilidades, não há uma diferença de natureza, mas de grau, visto que em todas o que ocorre é o “amor inconscientemente travestido em ódio”.

Considerando o que é discursivizado em 2, diremos que se trata de uma possibilidade interessante de entender o ataque aos homossexuais, referindo-se, assim, a um ataque que parte justamente de indivíduos igualmente homossexuais, apesar de o serem de forma inconsciente. Salientamos, no entanto, que essa possibilidade é reducionista, visto que implica dizer que toda agressão a homossexuais se dá por um sintoma de uma homossexualidade reprimida, o que no extremo levaria a dizer que todos os indivíduos são homossexuais, ainda que não o saibam. Este efeito de sentido produzido na formulação 2 está relacionado a outras possibilidades de explicação da agressividade que não são materializadas nessa formulação. Postulamos assim que, embora na revista seja discursivizada a possibilidade de enquadrar o agressor, no caso Severino Cavalcanti, como um homossexual enrustido, poder-se-ia discursivizar a possibilidade de que estes atos, que não deixam de ser violentos, podem ser uma reprodução da prática de um conhecimento adquirido socialmente, de modo que Severino poderia ser apenas um reproduzidor dessas práticas amplas e históricas de ataque aos homossexuais, e não um homossexual que não se reconhece como homossexual que, por efeito causado pelo recalque, ataca os homossexuais.

Dizer que quem ataca homossexual é também homossexual, ainda que o agressor não se identifique nesse lugar, em sua natureza extrema, implica dizer que o agressor é “igual” ao agredido, o que é muito problemático se formos variar no exemplo, a fim de confirmar ou refutar a regra. Há quem deflagre seu ódio exclusivamente contra mulheres. Não podemos, no entanto, dizer que o agressor exclusivamente é ou deseja ser uma mulher. Não podemos inferir também que quem ataca somente negros seja também negro, ou desejaria sê-lo. O mesmo caso para quem agride exclusivamente judeus, obesos etc.. Isto posto, ratificamos que não descartamos a possibilidade da justificativa, que encontra, em alguma medida, explicações num saber

psicanalítico, de que um agressor de um homossexual pode ser um homossexual, mas é demasiado reducionista imaginar que toda agressão tenha a mesma e “simples” justificativa, como se fosse tudo muito transparente.

Dando continuidade às análises, na discursivização de 3, a postura homofóbica é justificada pelo ressentimento. Ocorre o ressentimento porque há no outro algo condenável, ou, principalmente, porque o outro vive sem conflito com o que é conflituoso para o agressor, que, por isso, ataca. Na formulação 3, o ressentimento é destacável como causa da homofobia e há, como se pode verificar, uma lógica no funcionamento que é a seguinte: se é proibido e, por isso, eu não posso/devo, mas mesmo assim o outro pratica, preciso fazer com que o outro pare. Assim sendo, é quase uma questão de isonomia. Com relação a essa questão, Borrillo (2009) afirma que a homofobia não se reduz a constatar a diferença, ela também tira suas conclusões materiais, de modo que, se ser homossexual é pecado, é natural que homossexuais sejam moralmente punidos; se é crime, penalizar o infrator também é um movimento necessário. Assim foram justificadas a purificação pelo fogo inquisitório e o extermínio nazista. E, baseados nisso, a Frente Evangélica e outros conservadores dificultam a aprovação do PLC 122/2006, que criminaliza a homofobia, alegando que isto fere o direito de expressão, isto é, de expressar-se inclusive em nome de Deus contra as práticas homossexuais e contra os próprios indivíduos aí categorizados.

O segundo tipo de homofobia é o que se chama de homofobia internalizada. A rede de formulações-reformulações abaixo exemplifica como esse tipo é discursivizado em *G Magazine*.

(4) Assim como a homofobia está introjetada na cabeça das pessoas graças a séculos de preconceito, **a culpa e o medo se instalaram quase inconscientemente nos homossexuais** (Edição 49, outubro de 2001).

(5) **A exclusão que sofremos era tanto mais internalizada quanto mais fragilizados/as estivermos.** Num site gay de ex-Testemunhas de Jeová, li o testemunho de **um rapaz religioso que passou anos sentindo nojo de si próprio, a ponto de não poder se olhar no espelho. Era gay e não aceitava**, controlado pelas normas homofóbicas de sua religião. Só não se matou porque recebeu ajuda de outros que sofreram o mesmo problema antes. **O que esse rapaz sentia tem um nome: culpa, provocada por uma interferência externa que o mobilizava contra si mesmo, fazendo-o sentir-se pecador. A culpa tem um poder diabólico: ela é autodestrutiva, pois instaura uma guerra civil dentro da gente** (Edição 54, março de 2002).

(6) Em nosso caso, **o problema aumenta quando a homofobia social passa a ser internalizada pelo indivíduo, criando uma ruptura no eu, em luta consigo mesmo** (Edição 63, dezembro de 2002).

(7) Nesse contexto, **a homofobia existe não apenas em heterossexuais preconceituosos. Ela é um projeto tão fortemente implantado que muito comumente se internaliza na própria cabeça de homossexuais.**

Imaginemos que tem como parâmetro aquilo mesmo que nega sua pessoa. Isso cria enormes conflitos em enrustidos. Por sua ampla implantação, a homofobia internalizada parece uma epidemia. O ódio contra si mesmo é comum num grande número de homossexuais [...] (Edição 64, janeiro de 2003).

(8) **Na homofobia internalizada por tantos gueis em conflito, o ressentimento se volta contra si mesmo. A face mais exposta desse ressentimento defensivo é o vitimismo: você se faz vítima para dar sentido ao seu ressentimento. Conheço tentativas de suicídio, após finais de caso, com base no ressentimento – como forma perversa de punir o outro** (Edição 119, agosto de 2007).

(9) **Um dos grandes problemas que rondam a vida psíquica de homossexuais é o ressentimento. [...]. O ressentimento mantém reiteradamente a memória da mágoa sofrida. Nesse casos, é comum o/a discriminado/a acabar cultivando o vitimismo como forma psicológica de se defender – quando utiliza de modo sistemático um fator negativo como recurso de sobrevivência** (Edição 142, julho de 2009).

A rede de formulações-reformulações de 4 a 9 marca, a partir da categoria de Borrillo (2009), o que é considerado **homofobia internalizada** em *G Magazine* e qual o funcionamento do vitimismo, característico da assimilação da homofobia produzida-reproduzida pela sociedade.

Na formulação 4, é discursivizado que essa instalação da homofobia, isto é, do medo e da culpa, ocorre no nível do inconsciente. Nessa formulação, além da homofobia internalizada pelos homossexuais, a homofobia praticada por outras pessoas também se dá neste mesmo nível. Em 5, a introjeção da exclusão é discursivizada como proporcional ao grau de fragilidade apresentado pelo indivíduo. A assimilação da homofobia, que resulta da culpa que o indivíduo sente, tem como efeito uma guerra psicológica, e, como toda guerra, inclui efeitos destrutivos. Por ser travada internamente, apresenta efeitos autodestrutivos, como o nojo de si próprio. Em 6 reaparece a luta consigo mesmo como uma ruptura no eu, ruptura esta causada pela internalização da homofobia social⁴.

As expressões “dentro da gente”, como pode ser observado em 5, “ruptura no eu”, indicado em 6, ou “na própria cabeça”, assinalado em 7, apontam o que ocorre no inconsciente, assinalando um atravessamento de um saber psicanalítico na posição sujeito da qual se enunciam efeitos nocivos dessa assimilação praticada contra si. A homofobia internalizada em 7 deflagra-se por meio do ódio contra si mesmo, e é discursivizada como recorrente entre homossexuais.

⁴ Não se trata do conceito formulado por Borrillo (2009), mas de práticas discriminatórias cujo motivo é a intolerância sexual, e que são praticadas além de si, pela sociedade. De outra maneira, homofobia social aqui é par oposito de homofobia internalizada, sendo aquela condição necessária para o surgimento desta.

Em 8 aparece o “ressentimento defensivo” que resulta em efeitos negativos contra o próprio indivíduo ressentido, como suicídios que têm como objetivo punir outrem utilizando práticas contra si. O ressentimento, nessa formulação, é cultivado e apoiado no vitimismo.

Na formulação 9, discursiviza-se sobre a incidência de conflitos pessoais entre homossexuais, que têm como causa os problemas com a homofobia internalizada. Como em 8, a internalização é explicada por meio do ressentimento, ou seja, por via da ruminância de uma mágoa sofrida. O vitimismo aparece como efeito, então, desse ressentimento que causa a assimilação da homofobia, e é discursivizado como modo de se defender, sendo, portanto, o vitimismo uma forma defensiva de natureza psicológica.

Em toda a rede, de 4 a 9, identificamos o atravessamento de um discurso próprio do campo da Psicanálise. Esse saber é mobilizado para explicar as causas, os meios, e os efeitos da homofobia internalizada. O funcionamento dessa posição é regular em *G Magazine*, mas diferencia-se no modo como se apresenta na rede anterior a esta, porque, ao contrário do que acontece com os “enrustidos violentos”, o que ocorre na **homofobia internalizada** é uma violência efetivada contra si mesmo, que se dá por conta de uma influência que é externa, e, mais precisamente, por uma inadequação pessoal frente a um ideal forjado à sombra de uma norma social que regula a sexualidade e o gênero.

Em comum com a homofobia praticada pelos enrustidos violentos, então, existe o fato de que nas duas há uma influência externa que acaba por “formar” o homofóbico enquanto agente e a homofobia enquanto ato. Isto é, há uma internalização de “um social” em todas as formas de homofobia, de modo que não são discursivizados na revista, por exemplo, questões sobre predisposições genéticas para a violência; questões sobre o inatismo, cedendo lugar a sempre uma forma de assimilação, que é explicada por um campo de saber que diz sobre as instâncias psíquicas que, como dissemos, não deixam de considerar o externo como decisivo. Nessa rede, o saber da Psicanálise é deslocado, produzindo sentidos específicos em *G Magazine*, com sua causa “própria” e especificidade de público.

A homofobia internalizada, em sua singularidade, difere-se da anterior discursivizada em *G Magazine* porque não é justificada pelo mecanismo de atribuir ao outro o lugar da diferença, diferença esta que justifica o preconceito contra os anormais, isto é, os fora da norma. No caso da homofobia internalizada, então, não é o outro marcado como diferente, mas o próprio indivíduo que se reconhece enquanto anormal. Em suma, seria assim: eu sou o diferente, sou o único diferente e tenho culpa por isso.

Uma diferença capital, portanto, é que, ao invés de ser a revolta deflagrada contra o outro, ela é disparada contra si mesmo, numa auto-punição, pela contra-identificação simbólica desse lugar.

Últimas considerações

Quando formulado em 1971, o conceito de homofobia tratava especificamente do preconceito exercido contra os homossexuais e contra a homossexualidade. Esse conceito, no entanto, foi ampliado e a homofobia em *G Magazine* é discursivizada considerando inclusive a homofobia praticada contra si mesmo, como vimos.

A homofobia em *G Magazine*, considerando as práticas discursivizadas no periódico, é associada ao funcionamento do sistema psíquico e, sobretudo, à censura e seus efeitos. Retomando as categorias de Borrillo (2009), a **homofobia individual** e a **social** seriam sintomas de um desejo reprimido, que por necessitar escoar de alguma maneira, acaba encontrando na violência uma forma de satisfação, reatualizando o que Freud (1920) afirma acerca da plasticidade das pulsões libidinais. Trata-se, conforme é discursivizado na própria revista, do retorno do conteúdo reprimido/recalcado, que encontra na agressividade deflagrada contra os homossexuais uma forma distorcida de descarregar a energia libidinal de algum modo censurada. A **homofobia internalizada** também é discursivizada em relação aos conflitos no Eu, como vimos.

A partir da discursivização de *G Magazine*, pudemos apontar práticas por meio das quais indivíduos diferentes podem subjetivar-se na posição de homofóbico. Neste texto, discutimos duas dessas formas: na primeira delas, há a figura do enrustido que, de certo modo, culpa os outros por sua homossexualidade, investindo principalmente contra os seus semelhantes na tentativa justamente de eliminar vestígios desta semelhança; no segundo caso, o personagem que assimila as dores sociais sobre a homossexualidade e assume para si o papel de vítima, num esquema de auto-punição. A prática de punir-se e de punir outrem justificando o ato pelo preconceito contra a homossexualidade são modos por meio dos quais os indivíduos, em *G Magazine*, de acordo com o recorte que fizemos, subjetivam-se na posição de sujeito homofóbico.

Ainda pelo recorte que fizemos, pudemos também mostrar nos sentidos (re)produzidos acerca da homofobia o atravessamento de um discurso formulado nos domínios da Psicanálise, muito embora haja afastamentos e reconfigurações para que este saber psicanalítico sirva às estratégias para as quais é utilizado em *G Magazine*. Há, então, uma seleção de alguns dos conceitos e categorias cunhadas na Psicanálise

não para explicar a homossexualidade ou categorizá-la enquanto perversão, mas para entender os mecanismos inconscientes que levam à homofobia.

Por fim, percebemos uma vulgarização do saber psicanalítico, que é incorporado por meio de distorções, mas que, nos termos de Foucault (1971, 1976), serve como suporte de verdade para que outras possibilidades de formular ocorram, por exemplo a que coloca o homofóbico como objeto de análise por seu preconceito, ironicamente uma prática desviante.

Referências

BORILLO, Daniel. Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana.; DINIZ, Debora (Org.) **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres; EdUNB, 2009. P.15-46.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCAR, 2009. Edição original:1981.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Edição original:1969.

_____. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007. Edição original:1971

_____. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007. Edição original:1976.

FRANÇA, Thiago Alves. **Memória, constituição e discursivização de G Magazine: a homofobia, o assumir-se gay e a militância**. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2010.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.v.VII. Edição original:1905.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Edição original:1914.

_____. O Recalque. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Edição original:1915a.

_____. Inconsciente. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição original:1915b

_____. Pulsões e Destinos da Pulsão. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Edição original:1915c.

_____. Além do princípio de prazer. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição original:1920.

_____. O Eu e o Id. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. Edição original: 1923.

NASCIMENTO, Márcio Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?. In: *Athenea Digital*, 17, 227-239. 2010. Disponível em

<<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/662>>.

Acessado em: 7 jun. 2010.

POSSENTI, Sirio. Estereótipo e identidade: o caso nas piadas. In: POSSENTI, Sirio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar edições, 2004a, p.155-166.